

Associação Cultural, Educação, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável do Cone Leste Paulista



Formiguinhas do Vale

Viveiro - Educação Ambiental - Reflorestamento



Projeto SaciArte



Apresentação-Síntese

PROJETO **“SaciArte”**

Este Projeto Social tem como base a difusão das culturas, tradições, da musica brasileira e regional, através de instrumentos de cordas, percussão e de sopro, visando desenvolver habilidades nas crianças, jovens e adolescentes do ensino fundamental, básico e médio, além de outros interessados da comunidade não fazendo diferenciação entre sexo, idade, cor, raça ou crença religiosa.

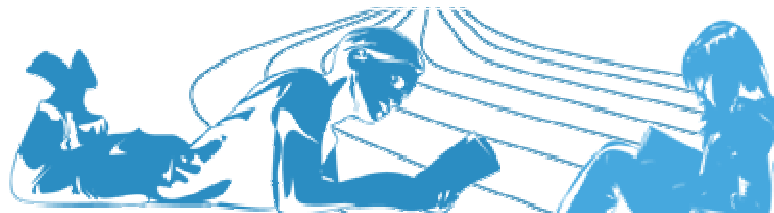
Para as comunidades carentes com o intuito fundamentado em criar bases sólidas e se expressarem musicalmente, tentando assim de forma agradável reduzir a violência social “quem canta seus males espanta” nas comunidades, para, de uma forma lúdica e agradável, despertar interesse pelas culturas e tradições regionais, além de possibilitar-lhes executar um instrumento musical e lhes dar o conhecimento das culturas e tradições genuinamente brasileiras.

O Provérbio atrás citado, é mais que verdadeiro, trazendo alegria às pessoas principalmente aquelas que de alguma forma se identificam e aprendem algum tipo de instrumento. Isto porque, estes cidadãos passarão a ver a vida de uma outra forma , a partir de objetivos concretos, o que pode ser fator determinante para a oportunidade de sucesso e de formação de caráter, para o resto de suas vidas. O tocar um instrumento musical estabelece fronteiras entre o lar e a rua e o tempo gasto pela dedicação e o prazer de apresentarem a sua habilidade às outras pessoas firma-se em suas mentes, elevando sua auto estima, que conseqüentemente trará um papel fundamental no processo de diminuição da violência dentro e fora de suas relações, tendo, influencia positiva sobre a família e a sociedade.

Temos ciência de que toda arte é uma forma de expressão e o desenvolvimento das diversas formas de expressão se concretiza, lapidando o potencial criativo que existe em cada ser humano.

No campo musical não se houve falar, “EU NÃO GOSTO DE MUSICA”, mas sim , eu prefiro este ou aquele estilo de musica, o que esta relacionado diretamente com as raízes locais ou seu de convívio.

A mídia, muito das vezes, não se importa se esta ou aquela musica esta ou não incentivando a violência ou a fuga de padrões morais com suas letras que por vezes se apresentam até de forma degenerativa. As oficinas de musica, sendo bem direcionadas podem mudar a visão de um mercado desagregador da cultura e da paz que não queremos para nossas crianças, nem para as nossas comunidades.



OBJETIVO GERAL DO PROJETO

Implantar uma atividade extra-classe que possibilite uma aproximação entre as comunidades locais e a do projeto, visando através do desenvolvimento da auto estima uma diminuição da violência, propiciando às pessoas carentes a oportunidade de aprenderem música, culturas e a executar um instrumento musical, já que estas pessoas ficam impossibilitadas de o fazer de outra forma, por diversos motivos: Alto custo da passagem dos transportes urbanos, carência financeira para custear uma escola particular de musica para aprenderem, problemas de segurança pública, entre outros.

Sendo assim o objetivo deste projeto social é, já que estas pessoas devido a carência não podem ir até às escolas de musica, nem até aos projetos oferecidos pelo Município, oferecer-lhes essa oportunidade na própria região ou comunidade.

OBJETIVO ESPECIFICO DO PROJETO

- 1 - Desenvolver habilidades e a capacidade de expressão através da musica.**
- 2 - Ativar nas pessoas sua auto estima.**
- 3 - Centrar as ações no desenvolvimento cognitivo através das trocas de informação entre alunos com alunos e, alunos, professores e mestres.**
- 4 - Acompanhar as conquistas e avanços de cada aluno no decorrer das aulas.**
- 5 - Estimular a leitura e o aprendizado dos alunos.**
- 6 - Propiciar um maior contato com a cultura geral partindo do que esta enraizado em cada comunidade**
- 7 - Gerar momentos de reflexão.**
- 8 - Oferecer aos alunos, oportunidade de desenvolver suas potencialidades**
- 10 - Buscar através da musica, diminuir os índices de violência nos ambientes escolares e comunitários.**
- 11 - Possibilitar aos alunos se expressarem através da linguagem musical, no saber da leitura e da execução de uma pauta.**

METODOLOGIA DO PROJETO

O trabalho está fundamentado na necessidade já comprovada de se criar bases sólidas para os alunos se expressarem através da música tentando de forma agradável a diminuição da violência nas escolas da rede pública, em suas comunidades e no social como um todo.

As oficinas se apresentarão da seguinte forma:

Os alunos serão divididos em três grupos, que assim ficarão formados;

Turma (A) 07 a 13 anos - 25 (vinte e cinco) alunos.

Turma (B) 13 a 16 anos - 25 (vinte e cinco) alunos.

Turma (C) 16 a 65 anos - 25 (vinte e cinco) alunos.

Estes terão aulas teóricas e práticas sobre música e o instrumento que irão executar, parte da história do mesmo, pessoas e grupos que se destacaram nestes instrumentos, o conhecimento das nomenclaturas do instrumento, irão aprender como afinar o instrumento e como o executá-lo, ou seja irão ter como se iniciar na execução do instrumento. Estas aulas teóricas e práticas serão aplicáveis a todos os alunos.

No caso dos instrumentos de cordas as aulas aplicadas serão:

Afinação dos instrumentos, tons harmônicos, tons sustentados e bemóis, tons graves e agudos, tons relativos, escalas, compassos, tons e semitons, etc. ou seja uma introdução simples no conhecimento de partituras, iniciação no solo dos instrumentos e aulas práticas de execução do instrumento, além de ensaios semanais em conjunto.

O projeto cita diversos tipos de instrumentos musicais a serem aprendidos pelas pessoas participantes e o motivo é simples; devido a dificuldade de se aprender um instrumento de cordas muitas pessoas deixam de participar de oficinas já que nem todos gostam de cavaquinho, banjo, violas, etc. mas muitas pessoas gostam de instrumentos de percussão, de sopro, etc. Não porque sejam mais simples de serem executados, mas por questão de gosto e de identificação, além da variedade de instrumentos, o que permitirá também agregar uma quantidade maior de integrantes ao projeto.

As aulas de teclados serão diferenciadas.

Sobre Projeto Social “SaciArte”

Projeto Social “SaciArte” da OSCIP “Formiguinhas do Vale”

A comunidade atingida na sua fase inicial, a Região Leste da cidade de São José dos Campos, é uma comunidade carente que se isola do convívio social, onde há alta incidência de alcoolismo, ocasionando agressões no seio familiar, onde mulher e criança são as principais vítimas dessa situação.

Agregado a essa situação, existe um alto índice de desemprego, drogas, furtos, entre outros atos ilícitos.

Esse contexto gera na escola um desinteresse da criança na busca do conhecimento e aprendizado, falta de integração entre os alunos dificultando o trabalho do educador e falta de interesse da comunidade de acompanhar o processo educacional como um todo.

O Projeto “SaciArte” é um dos projetos pioneiros da OSCIP Formiguinhas do Vale e tem vindo a ser desenvolvido desde o início do ano de 2007 para se adequar á situação peculiar de cada comunidade. O desenvolvimento desse Projeto na “Comunidade Pousada do Vale” conquistou até a presente data a adesão de mais de 60 crianças e adultos com idades que variam dos 07 aos 65 anos. No entanto, este número ainda não expressa a realidade do interesse, porque ainda não foram abertas as inscrições para adesão das crianças de menor idade no projeto infanto-juvenil que vai dos 03 aos 07 anos, idade esta, em que a criança está em pleno desenvolvimento intelectual e onde a criatividade se encontra mais presente.

Este projeto pretende trazer uma íntima e relevante interatividade, fazendo com que os Professores e a equipe administrativa se envolvam no projeto incentivando a comunidade (pais e responsáveis pelos alunos) a participarem mais ativamente do lúdico regional, através de reuniões e apresentações dos alunos nos eventos, interação do conteúdo com a comunidade, com a música e dança desenvolvida, resgate da auto-estima, confiança, trabalho em equipe, responsabilidade, convívio social da criança, melhora do clima organizacional através de uma maior integração, educando a comunidade e a escola. Além de que aliando este a outros projetos desenvolvidos na região se possa torná-lo um projeto padrão e um multiplicador de conhecimento e exemplo, a ser seguido por outras comunidades.



Neste projeto pretendemos caracterizar a cultura regional e a música de raiz, com a finalidade de resgatar a identidade da comunidade Pousada do Vale, no seu conteúdo ambiental e histórico, também característico e presente em todo

o

Cone Leste Paulista

Neste projeto se incluem:

I

Inicialização Musical

II

Instrumentalização

III

Culturas e Tradições Brasileiras

IV

Culturas e Tradições Paulistas

V

Culturas, Tradições e outras estórias

A Música nas diversas expressões

Moda de viola, que no Brasil, denomina-se música sertaneja o estilo musical autoproclamado herdeiro da "música caipira", se caracteriza pela melodia simples e melancólica; muitas vezes é chamada de música do interior.

Hoje em dia, o termo música sertaneja vem, aos poucos, sendo substituído pelo termo *música country* devido à influência da música *country* norte-americana que a indústria brasileira está usando como novo segmento comercial na televisão e na indústria de gravação, desvirtuando a regionalidade e a tradição brasileira.

O adjetivo "sertanejo", originalmente, refere-se à cultura nordestina, do interior, que encontrou vegetação e clima hostis, além da dominação política dos "coronéis", obrigando a desenvolver uma cultura de resistência do matuto, legitimamente sertanejo, conhecedor da caatinga (sertão). Difere-se da cultura caipira, originária na área que abrange o interior de São Paulo e os Estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná.

Ali se desenvolveu uma cultura do colono que encontrou abundância de águas, terra produtiva e um clima mais ameno, típico do cerrado.

É conhecida como "Caipira" ou "Sertaneja" a execução composta e executada nas zonas rurais, do campo; a antiga Moda de Viola.

Os caipiras, ou sertanejos, às vezes duplas ou solo, utilizavam instrumentos artesanais e típicos do Brasil - Colônia, como viola, acordeão, gaita, zabumba, entre outros.

Cornélio Pires é o primeiro grande promotor desta música, foi ele o primeiro a conseguir, em 1928, que este estilo entrasse para a discografia brasileira, sendo considerado o precursor dos sertanejos da chamada cultura de massa.

No entanto muitos outros autores, alguns inclusive regionais e nascidos nas regiões que pretendemos estudar, a saber:

Vale do Paraíba Paulista, Litoral Norte Paulista, Região Serrana da Mantiqueira, Região Bragantina e Região Alto do Tietê; regiões estas que compõem o Cone Leste Paulista.

A música de raiz

A música rural que mantém seus temas, (feita por Cornélio Pires, João Pacífico, Tônico & Tinoco, Alvarenga & Ranchinho, Pena Branca & Xavantinho, Zé Fortuna & Pitangueira, entre outros), para se diferenciar da *música sertaneja*, passa a se denominar então de "música de raiz", querendo dizer, com isso, que está ligada verdadeiramente às suas raízes rurais, à moda de viola e à terra, ao sertão, pois o termo "*bens de raiz*" significa, propriedades agrícolas.

No ano de 1999, o compositor Renato Teixeira compôs a música "*Rapaz Caipira*", como crítica aberta à "música sertaneja" e fazendo renascer a expressão "*música caipira*".

Música Sertaneja

No entanto, a partir da década de 1980, tem início uma exploração comercial massificada do estilo "*sertanejo*", somado, em muitos casos, à uma releitura de sucessos internacionais e mesmo da Jovem Guarda.

Surgem inúmeros artistas, quase sempre em duplas, que são lançados por gravadoras e expostos como produto de cultura de massa. Esses artistas passam a ser chamados de "duplas sertanejas". Começando com Chitãozinho & Xororó e Leandro & Leonardo, uma enxurrada de duplas do mesmo gênero segue o fenômeno, que alcança seu auge entre os anos de 1988 e 1990.

Em seguida, começa uma decadência do estilo na mídia.

A música sertaneja perde bastante popularidade, mas continua sendo ouvida principalmente nas áreas rurais do Centro-Sul do Brasil.

No entanto, no início da década de 2000, inicia-se uma espécie de "renascimento" desse estilo, principalmente devido ao sucesso de duplas, como Bruno & Marrone, Edson & Hudson e, mais tarde, César Menotti e Fabiano, Victor & Leo e, Guilherme & Santiago e, sua ampla divulgação na mídia, sobretudo a televisiva.

Ao longo dessa evolução, evitou-se cuidadosamente o termo "*caipira*", que era visto com preconceito nas cidades grandes. O estilo "*sertanejo*", ao contrário da música caipira, tem pouca temática rural, para poder agradar a habitantes dos grandes centros.

Subgêneros da Música Sertaneja

A Música Sertaneja, assim como vários outros estilos de música, pode ser subdividido em sub-gêneros, alguns até mesmo muito diferentes entre si. Entre os principais estão:

- Música Sertaneja Caipira ou de Raiz
- Música Sertaneja Romântica
- Música Sertaneja Country (vínculo absolutamente comercial)
- Música Sertaneja Universitária

Como o nosso interesse está na divulgação da verdadeira cultura brasileira, não pretendemos de forma alguma confrontar gostos ou estilos, unicamente desejamos mostrar a verdade da cultura, para que o resgate das tradições seja o objetivo principal.

Destacamos alguns autores brasileiros e, músicas genuinamente regionais :

Músicas e seus respectivos autores:

Luar do Sertão (Catulo da Paixão Cearense/ João Pernambuco) – Eduardo das Neves
Tristezas do Jeca (Angelino de Oliveira) – Patrício Teixeira
Cabocla Tereza (João Pacífico/ Raul Torres) – Torres e Florêncio
No Rancho Fundo (Ary Barroso/ Lamartine Babo) – Silvio Caldas
Sertaneja (René Bittencourt) – Orlando Silva
Viola Quebrada (Mário de Andrade) – Inezita Barroso
Pingo D'Água (Raul Torres /João Pacífico) – João Pacífico
Moda da Pinga (folclore adaptado por Laureano) – Inezita Barroso
Casinha Pequeninha (domínio público) - Cascatinha e Inhana
Jorginho do Sertão (Cornélio Pires) – Passoca
Romance de uma Caveira (Alvarenga/ Ranchinho) – Alvarenga e Ranchinho
Guacyra (Heckel Tavares/ Joracy Camargo) – João Gilberto
A Moda da Mula Preta (Raul Torres) – Luiz Gonzaga
Pé de Ipê (Tônico/ Tinoco) – Tônico e Tinoco
Chico Mineiro (Tônico/ Francisco R. Barbosa) – Tônico e Tinoco
Casa de Caboclo (Heckel Tavares/ Luís Peixoto) – Gastão Formenti
Flor do Cafezal (Luís Carlos Paraná) – Cascatinha e Inhana
Violeiro do Luar (Paraguassu) – Ely Camargo
Disparada (Théo de Barros/ Geraldo Vandrê) – Jair Rodrigues
Menino da Porteira (Teddy Vieira/ Luizinho) – Sérgio Reis
Rio de Lágrimas (Tião Carreiro/ Piraci/ L. dos Santos) – Tião Carreiro e Pardinho
Casinha Branca (Elpídeo dos Santos) – Renato Teixeira
Chalana (Mário Zan/ Arlindo Pinto) – Almir Sater
Romaria (Renato Teixeira) - Elis Regina
Chitãozinho e Xororó (Serrinha/ Athos Campos) – Chitãozinho e Xororó
Maringá (Joubert de Carvalho) – Pena Branca

Música Caipira

O Brasil do interior soa nas cordas de uma viola

Rosa Nepomuceno

Os cantos religiosos dos jesuítas e as modinhas trazidas pelos portugueses colonizadores misturaram-se à música e à dança dos índios senhores das terras recém-descobertas. Daí surgiram gêneros que se enraizaram especialmente na região sudeste, depois no sul e centro-oeste do país, integrando a que ficou conhecida como "música caipira", como os catiras e cururus, as toadas e modas de viola. A viola cavada num tronco de árvore, com cordas feitas de tripas de animais, e depois de arame, foi sacramentada, na cultura rural, como seu instrumento-base. Entre as palavras do Brasil colonial surgidas do tupi e da mistura do idioma indígena com o português estão, por exemplo, "caipira", junção de caa (mato) com pir (que corta), e cururu, que veio de curuzu ou curu, que era como os índios tentavam dizer cruz.

*“Catequistas se moviam
pra provar o seu amor
aos nativos que temiam
o estranho invasor
mas ouvindo o som mavioso (maravilhoso)
de uma viola a soluçar
o selvagem, cauteloso,
espreitava, a escutar.”*

(Assim Nasceu o Cururu, Cap. Furtado e Laureano)

O cururu nasceu, pois, dos cantos religiosos marcados por batidas de pé. Das festas ao redor dos oratórios ganhou os terreiros, nos acontecimentos sociais das fazendas e vilas. Nos anos 30, Mário de Andrade viajou pelo interior paulista, nas suas pesquisas, e observou que no médio - Tietê cururu era desafio improvisado, uma espécie de "combate poético" entre violeiros-cantadores, iniciado com saudações aos santos. Dessa forma ele ainda resiste em cidades como Piracicaba, Sorocaba, Tietê, Conchas e Itapetininga – a chamada região cururueira do estado. Entre os cururueiros mais famosos do disco estão os irmãos Vieira e Vieirinha, de Itajobi, SP (o segundo, morto em 1990), que brilharam nos anos 50.

O catira ou cateretê surgiu de uma dança indígena, o caateretê, também adotada nos cultos católicos dos primórdios da colonização. As bases mais sólidas de seu reino se estabeleceram em São Paulo e Minas Gerais. Com solos de viola e coro, acompanhados de sapateado e palmeado, ele começa com uma moda de viola, entremeada por solos, e evolui para uma coreografia simples mas bastante rítmica. O clímax, no final, é o "recortado", com viola, coro, palmeados, sapateados e muita animação. O catira é o coração de festas populares como as Folias de Reis e as de São Gonçalo, hoje particularmente expressivas no interior mineiro. Entre grandes catireiros estão Tônico e Tinoco (o primeiro, morto em 1994), que registraram incontáveis sucessos nos anos 40 e 50. Atualmente, entre os novos-caipiras, o mineiro Chico Lobo é violeiro-cantador que domina essa velha arte.

O fandango

Por sua vez, o fandango, nasceu como dança vigorosa de tropeiros que o aprenderam no extremo sul do país, com seus colegas uruguaios.

Sofreu modificações nas diversas regiões onde chegou e ainda é cultivado em alguns núcleos por todo o país, como no litoral paranaense.

Resultante da mistura da música dos brancos da roça com a dos negros escravos, o calango firmou-se especialmente no Rio de Janeiro rural e em Minas Gerais.

Martinho da Vila, fluminense de Duas Barras, compôs e gravou alguns bons calangos, puxados na viola e com instrumentos percussivos.

A moda de viola se destaca

Entre tantos ritmos e estilos formados a partir das toadas, cantigas, viras, canas-verdes, valsinhas e modinhas, trazidos pelos europeus, a moda de viola se transformou na melhor expressão da música caipira.

Com uma estrutura que permite solos de viola e longos versos intercalados por refrões, com letras quilométricas contando fatos históricos e acontecimentos marcantes da vida das comunidades, ela ganhou vida independente do catira e seduziu grandes compositores, como os paulistas Teddy Vieira (de Buri) e Lourival dos Santos (de Guaratinguetá), já falecidos, bastante ativos entre os anos 50 e 60.

Atualmente, os mineiros Zé Mulato e Cassiano estão entre os bons compositores e cantadores de modas de viola.

À medida que o país se urbanizou e precisou da mão de obra barata do povo do interior, levas de artistas caipiras e nordestinos também chegaram a São Paulo e ao Rio de Janeiro para disputar seus palcos e estúdios.

Assim, emboladas e cocos se misturaram a maxixes, guarânias, rasqueados, chamamés, boleros, baladas e rancheiras – e a tudo o que se ouvia no rádio (AM) nos anos 50, nas fronteiras do país.

Todas essas matrizes sonoras formaram, com os gêneros caipiras tradicionais, o que passou a ser sacralizado, na terminologia do mercado fonográfico, como música "sertaneja".

Mais sons entrariam nesse caldeirão: a partir dos anos 60, o rock e a MPB dos festivais, e, nos 80, a *country music* americana.

Entre os marcos das diversas fases da música que nasceu na roça e hoje, bastante modificada, embala multidões de norte a sul do país, podemos destacar as primeiras gravações de modas de viola e de outros gêneros caipiras por violeiros-cantadores do interior paulista, em 1929 – na série de discos produzida por Cornélio Pires para a Columbia.

Na década de 30, vieram os sucessos de João Pacífico e Raul Torres, de Alvarenga e Ranchinho. Já Tônico e Tinoco pontificaram a partir dos anos 40.

A história recente

O apogeu da musica caipira foi nos anos 50 do século passado.

Muitas duplas, especialmente do interior de São Paulo, tiveram espaço nobre nas gravadoras e emissoras de rádio.

O filão caipira abrigou, nessa época, as guarânicas de Cascatinha e Inhana e as rancheiras mexicanas de Pedro Bento e Zé da Estrada.

Entre 60 e 70, o aparecimento de Sérgio Reis e Renato Teixeira – o primeiro saído da Jovem Guarda, o outro dos festivais da TV Record – agitou o mundo sertanejo.

Exatamente em 1960 um genial violeiro do norte de Minas, Tião Carreiro, inventava o pagode caipira, mistura de samba, coco e calango de roda (na definição de outro tocador e conterrâneo, Téo Azevedo).

Nos anos 80 surgiram a dupla mineira Pena Branca e Xavantinho, adequando sucessos da MPB à linguagem das violas, e Almir Sater, violeiro sofisticado, que passeava entre as modas de viola e os blues.

A guinada para a country music, com a adoção de instrumentos eletrificados e a formação de grandes bandas deu-se a partir do mega-sucesso de Chitãozinho e Xororó, em 1982.

A eles, seguiram-se outras duplas de sucesso, cada vez mais direcionadas para o romantismo pop herdado da jovem guarda, como Leandro & Leonardo e Zezé Di Camargo & Luciano.

Os anos 90 marcaram a convivência de dois segmentos musicais originários dos gêneros rurais: o dos mencionados sertanejos-pop, voltado para grandes mercados internacionais, e o dos novos-caipiras - músicos saídos das universidades, dispostos a retrabalhar a música "raiz".

Estes criaram um circuito de gravadoras independentes e apresentações em teatros, entre São Paulo e Belo Horizonte, já se irradiando até o Rio de Janeiro. Os primeiros incentivadores desse movimento foram Renato Teixeira e Almir Sater.

Entre os nomes mais expressivos dessa nova geração de instrumentistas e compositores estão os mineiros Roberto Corrêa, Ivan Vilela, Pereira da Viola e Chico Lobo, e o paulista Milton Edilberto, além dos atrás citados Renato Teixeira e Almir Sater.

Na página seguinte, a título de ilustração, iremos fazer um breve relato, sobre uma influência da cultura americana em nosso país, hoje tão enraizada na cultura desta geração, onde conjuntamente, tentaremos evidenciar a necessidade de preservação das nossas culturas e os interesses consumistas e colonizadores da americanização de nossa sociedade e sua influência em nossa identidade própria.

O que é HIP HOP ?

A história do hip-hop

O hip-hop emergiu nos EUA, na década de 70, nos subúrbios negros de Nova Iorque (como Bronx, Harlem, Brooklyn). Estes subúrbios, enfrentaram todo tipo de problemas: pobreza, violência, racismo, tráfico, carências de infra-estrutura, de educação, etc. Os jovens encontravam na rua o único espaço para o lazer, e geralmente entravam num sistema de gangs (grupos) (alguns formando parte de alguma das gangs, ou fora delas, mas sempre conhecendo os territórios e as regras impostas por elas), as quais se confrontavam de maneira violenta na luta pelo domínio territorial. Neste contexto nasciam diferentes manifestações artísticas de rua: música, dança, poesia, pintura. Os vários DJ's observaram e participaram destas expressões de rua, e começaram a organizar festas nas quais estas manifestações incluíam-se.

Em Novembro de 1973 foi criada a Zulu Nation, cuja primeira sede estava situada no bairro do Bronx (New York). A Zulu Nation é uma ONG que tem como objetivo acabar com os vários problemas dos jovens dos subúrbios, especialmente com o problema da violência. Começaram a organizar "batalhas" (disputas) não violentas entre gangs com um objetivo pacificador. As batalhas consistiam em uma competição artística de duelos entre MC's.

Nascia assim o hip-hop, composto pelos seus 4 elementos originais:

- | | |
|-------------------------------|---|
| 1- DJ (disc-jockey): | O homem que fornece as batidas para o MC rimar. |
| 2- MC (master of ceremonies): | Mestre-de-cerimónias, o rapper |
| 3- B boy: | Quem dança "break dance" ou faz "b-boying" |
| 4- Grafitti: | Um género de expressão artística do Hip Hop que tem como foco a pintura como forma de expressar mensagens positivas (não confundam com pixação isso é outra coisa). |

**Aqui podemos fazer um comparativo á nossa secular cultura da "Folia de Reis".
Onde está a semelhança? - Podem me dizer?**

Porem faltava uma coisa muito importante á Zulu Nation para que o seu projeto fosse bem sucedido... acrescentou-se um quinto elemento aos quatro existentes (DJ, MC, B boy, Grafitti): o Conhecimento – consciência. Alertou-se insistentemente para a importância deste quinto elemento, para a sobrevivência e o sucesso deste movimento. Conhecimento do mundo, da cultura, dos bons valores da sociedade para formar uma identidade e uma consciência étnica e de cidadania em pessoas, especialmente para os afro-descendentes pobres, que tinham difícil acesso à educação e mal conheciam os seus direitos e deveres como cidadãos. Assim, o hip-hop transformou-se em um instrumento de mudança social. Como puderam ver o Hip Hop pretende ter primeiramente estes objetivos e não apenas ser lucro para algumas pessoas que se auto intitulam artistas, mas que na realidade não o são pois alguns só querem o dinheiro e não se interessam pelo que realmente é o Hip Hop e pela sua filosofia de vida...

Então lembrem-se que o Hip-Hop é antes de tudo um estilo de vida, que tem como principal objetivo a melhor convivência entre as pessoas, expressar sua arte e trazer mais auto confiança de forma geral para a pessoa que pratica e que segue os fundamentos do hip-hop.

Hoje em dia infelizmente vemos alguns grupos ou cantores de RAP que não estão levando em consideração a verdadeira consciência que o Hip-Hop prega, em muitas vezes eles vem misturando coisas erradas com a cultura do hip-hop.

Alguns cantam suas musicas fazendo apologia as drogas e ao crime, coisa que vai contra e é totalmente repudiada pela cultura Hip-Hop verdadeira.

Por isso é bom necessário se ter consciência que o verdadeiro Hip-hop tenta trazer algo de positivo as pessoas, como amizade, cultura, arte e acima de tudo ser um estilo de vida que veio para melhorar a vida das pessoas e não para levá-las ao mau caminho como alguns tentam mostrar erroneamente hoje em dia.

O Hip-Hop não é a solução para todos os problemas da sociedade, mas com certeza é uma opção que veio para somar bons valores como respeito ao próximo, amizade, arte, e cultura que esta cada dia mais esquecida na nossa sociedade hoje em dia.

Bom este é um pequeno resumo da verdadeira cultura hip-hop, esperamos que tenham gostado e que esta consciência que a cultura hip-hop prega possa ajudá-los a melhor conhecer este modismo e suas origens.

O que é Breakdance?

Breakdance foi o nome dado pela mídia a três danças urbanas que surgiram na década de 1970: o Break/B-boying de Nova Iorque e o Popping e Locking de Los Angeles. Apesar de terem a mesma origem, apresentam influências das mais variadas. Desde o início da década de 60, quando a onda de música negra assolou os EUA, a população das grandes cidades sentia uma maior proximidade com estes artistas, principalmente por sua maneira verdadeira de demonstrar a alma em suas canções.

Origem

O principal artista desta época foi o Mister Dynamite (Senhor Dinamite) James Brown, conhecido não só por sua voz ou canções, mas também por toda sua performance estética, que deu origem a todos os pop-stars que vemos hoje em dia. (Ex: Michael Jackson, Prince, Madonna e etc.). James Brown era idolatrado principalmente nos redutos negros e latinos das grandes metrópolis e influenciava todos os jovens com sua dança, chamada Good Foot (Pé Bom). No Brasil essa dança é chamada de Soul, pois é o estilo de música que Brown cantava.

No Bronx, a influência do Good Foot levou à criação de uma dança chamada Top Rocking (Dança em cima). Essa dança usava qualquer tipo de provocação vistas na TV, em filmes, etc. Preferiam provocar a brigar, na mais pura malandragem, utilizando a dança. Nesta mesma época, no Brooklyn, o que víamos era praticamente a mesma dança, utilizando passos diferentes além da combinação de ataques e defesas simultâneas, feitas por mais de um dançarino. Esta dança foi chamada de Brooklyn-Rock (Dança do Brooklyn) ou Up-Rock. Devido ao grande sucesso, surgiram equipas especializadas em combater com o Up-Rock.

O Bronx, notando que sua dança era menos chamativa que o Brooklyn-Rock já que este contava a participação de mais de um dançarino o confronto entre esses dois Up-Rockers era muito mais contundente que a de um Top-Rocker começou-se a experimentar novas concepções; com isso o Top-Rock rapidamente desceu para o chão criando-se o Floor-Rock (Dança de chão) ou Foot Work (Trabalhos dos pés). Essa dança consiste em praticamente se dançar o Top-Rocking em movimentos circulares de acordo com ritmo da música logicamente com as mãos e pés no chão ao mesmo tempo. O término deste movimento chama-se de freeze (congelar); a força, rapidez e ousadia rapidamente suplantou o cenário Up-Rocking. A partir desse momento todos queriam fazer Foot Work na importância de fosse Up ou Top-Rocker.

Nas Block Parties o pessoal esperava Kool Herc começar a brincar com os Breaks (intervalos de compasso) e fabricar os beats. Como essas festas aconteciam principalmente no Bronx a dança predominante era o Top ou Floor Rocking então Kool Herc costumava pegar o microfone e anunciava a performance dos B-Boys (Break Boys), aqueles que dançam nos intervalos da música. Com isso toda a dança do Bronx e Brooklyn acabaram sendo unificadas sob o nome de B-Boying.

Em 1969, quando foi lançada a música Get on the good foot (Entre no Passo Certo), a dança não ficou restrita ao Bronx e Brooklyn em Nova Iorque. Ela aportou na Costa Oeste, mais precisamente em Los Angeles, dando origem a uma dança chamada Locking (Travar); esta recebeu a influência de uma dança chamada Funky Chick (Pintinho Funkeiro) e Hustle (gíria para maquiavélico). O Locking é uma dança atípica e por isso é considerada uma das mais complexas de execução, por que ao mesmo tempo em que se tem o Funk e Soul que fluem harmoniosamente ao ritmo da música tem se os Locks, congelando devastadoramente a dança. A complexidade aparece justamente na junção destes extremos. A pergunta é: eu devo ter mais Swing ou técnica para travar meu corpo? É evidente que o equilíbrio é o mais viável e torna essa dança tão gostosa de se apreciar.

Em Fresno, na Califórnia, cria-se com influências de séries de ficção científica, danças robóticas que imitavam os movimentos mecânicos. Na limitação de movimentos proporcionados a um robô começa-se a imitar ondas por todos os membros do corpo, dedos, braços, pernas, tórax e etc.

Dá-se o nome a essas técnicas de Boogalooing (sem tradução); a verdade que é contada é a seguinte: O tio do Boogaloo Sam (personificador da dança) teria inventado o termo Boogaloo pois não conseguia achar definição para tais movimentos.

Em Los Angeles ela é conhecida por Popping (Estalo das articulações). E em Nova Iorque quando foi conhecida por volta de 1979 chamaram-na de Boogie, assim como o B-Boying foi conhecido primeiro como Breakdance em Los Angeles em 82.

No Boom do Break que aconteceu mundialmente, todas as danças não importavam se fosse Locking ou B-Boying ou Popping apareciam sob o nome até hoje conhecido mundialmente pela mídia como Breakdance.

Vários grupos aderiram ao break, os grupos são denominados de "crew" que em inglês significa equipe, o que hoje parece moda vai muito além de vestir uma roupa ou um boné e sair por aí dizendo "sou do break ou sou do hip hop" a cultura é bem mais complexa é na verdade uma manifestação do movimento hip-hop.

RITMO

A rítmica é uma ciência do ritmo que objetiva desenvolver e harmonizar as funções motoras e reger os movimentos corporais no tempo e no espaço, aprimorando o ritmo.

Embasado-se nestes conceitos, fica clara a importância que o ritmo tem na nossa vida, tanto através de influências tanto externas quanto internas. O desenvolvimento e aperfeiçoamento do mesmo torna-se muito importante, pois o ser humano é dependente do ritmo para todas as atividades que for realizar, como na vida diária, profissional, desportiva e de lazer.

Na educação infantil (alfabetização), é uma habilidade importante, pois dá à criança a noção de duração e sucessão, no que diz respeito à percepção dos sons no tempo. A falta de habilidade rítmica pode causar uma leitura lenta, silabada, com pontuação e entonação inadequadas.

O ritmo é de grande importância para os professores de Educação Física, pois ele se reflete diretamente na formação básica e técnica, na criatividade e na educação de movimento.

O ritmo pode ser individual (ritmo próprio), grupal (caracterizado muito bem pela dança, o nado sincronizado e por uma série de atividades por equipe), mecânico (uniforme, que não varia), disciplinado (condicionamento de um ritmo predeterminado), natural (ritmo biológico), espontâneo (realizado livremente) e refletido (reflexão sobre a temática realizada), todas estas variações de ritmo podem ser trabalhadas na escola com diferentes atividades.

O ritmo é a pulsação da música. Sem ritmo não há música.

Objetivos

- Desenvolver a capacidade física dos educandos assim como a saúde e a qualidade de vida.
- Propiciar a descoberta do próprio corpo e de suas possibilidades de movimento.
- Desenvolver o ritmo natural.
- Possibilitar o desenvolvimento da criatividade para descoberta do estilo pessoal.

Despertar sentido de cooperação, solidariedade, comunicação, liderança e entrosamento através de trabalho em grupo.

Funções

- Auxiliar a incorporação técnica.
- Estimular a atividade.
- Determinar qualidade, melhor domínio e a liberdade de movimento propiciando a sua realização com naturalidade.
- Permitir a vivência total do movimento.
- Incentivar a economia de trabalho retardando a fadiga e aumentando resultados.
- Reforçar a memória.
- Facilitar a expressão total.
- Criar hábitos de disciplina e atitudes.
- Aperfeiçoar a coordenação.
- Permitir a produção do prazer.

Música

O ritmo musical é um acontecimento sonoro, tenha ele altura definida ou não, que acontece numa certa regularidade temporal. É a ordenação dos sons de acordo com padrões musicais estabelecidos. É a variação da duração e acentuação de uma série de sons ou eventos. Na música ocidental, os ritmos estão em geral relacionados com uma fórmula de compasso e seu andamento, que implica uma métrica. O valor do pulso subjacente, chamada batida, é o tempo. A duração da métrica divide-se quase exclusivamente em duas ou três batidas, chamando-se assim métrica dupla ou métrica tripla, respectivamente. Se cada batida for dividida a seguir em duas, chama-se métrica simples, se se dividir em três, chama-se métrica composta.

Músicos fazem ritmos com seus instrumentos musicais. Uma das funções do músico é a perceber e medir o tempo. Nós conscientemente sentimos, forma, dividimos e compomos o tempo para transmitir nosso sentimento. Todos os músicos, compositores, regentes, instrumentistas e vocalistas trabalham com o ritmo, mas na música moderna uma seção rítmica geralmente consiste de instrumentos de percussão, um baixo (não necessariamente o instrumento de cordas) e possivelmente de instrumentos de cordas (por exemplo, a guitarra ou o banjo) e instrumentos de teclas, como o piano.

O uso que os gêneros musicais fazem do ritmo, tem diversas variações.

A maior parte da música ocidental baseia-se num ritmo divisivo, ao passo que a música não-ocidental usa mais ritmos aditivos. A música africana faz um uso intenso de polirritmos, e a música indiana usa ciclos complexos, como 7 ou 13, enquanto que a música balinesa usa frequentemente ritmos entrecruzados. Comparativamente, muita da música clássica ocidental é bastante simples no que diz respeito ao ritmo: não sai de uma métrica simples, como ritmo duplo simples, 2/4; triplo simples, 3/4; duplo composto 6/8; e triplo composto 9/8, em base; e usa pouco a sincopação.

No século XX, compositores como Igor Stravinsky, Philip Glass, e Steve Reich escreveram música de maior complexidade rítmica, usando métricas estranhas e técnicas como o faseamento ou o ritmo aditivo. Ao mesmo tempo, modernistas como Olivier Messiaen e os seus seguidores usaram um aumento na complexidade para quebrar a sensação de uma batida regular, o que levou ao uso generalizado de ritmos irracionais na Nova Complexidade. LaMonte Young também escreveu música na qual a sensação de uma batida regular está ausente, porque a sua música consiste apenas de longos tons sustentados (*drone*).

A clave (ritmo) é um ritmo subjacente comum na música africana, cubana e brasileira.

Prosa

Em todas as línguas a fala possui ritmo, embora o seu ritmo dependa da natureza de cada língua. O português, o francês, ou o espanhol, por exemplo, integram-se no ritmo silábico no qual todas as sílabas tendem a articular-se durante um tempo aproximadamente igual. A língua inglesa pertence a um sistema rítmico cuja unidade mínima é o pé, constituído por uma ou mais sílabas. Neste caso são os pés que se pronunciam numa duração mais ou menos regular, o que significa que, por exemplo, num pé de quatro sílabas cada uma delas deva ser mais breve do que a sílaba, obviamente mais longa, de um pé monossilábico. O ritmo da fala inglesa apresenta-se assim num movimento de velocidades diferentes, percorrendo períodos semelhantes de tempo, mas cria-se também na tensão entre os acentos de intensidade - equivalentes ao ictus da prosódia clássica - que surgem, de uma maneira sistemática, na primeira sílaba de cada pé. Segundo M. A. K. Halliday, o pé descendente constitui um elemento da estrutura fonológica inglesa. Este acento pode também ser silencioso, mantendo-se o ritmo, de um modo sub-vocálico, tanto na consciência do falante como na do ouvinte: o chamado "silêncio rítmico".

A prosa é também provida de ritmo e Aristóteles afirma mesmo que o ritmo da prosa deve organizar-se em pés jambos - uma sílaba breve e uma longa - pois a cadência resultante da repetição desta alternância - a cadência jâmbica - seria a mais apropriada ao ritmo da fala.

Poema

No poema há a regência da métrica, que não é, como no compasso da música, uma regência implacável sobre o ritmo. Nos poemas, o ritmo se sobrepõe à métrica. Além da rima, é o ritmo que dá beleza ao poema, bem como à música.

A unidade rítmica do poema é o pé. Na antiguidade, o poeta recitava seus poemas acompanhado de lira ou marcando o ritmo com o pé (de onde lhe veio o nome). O pé compõe-se de duas ou mais sílabas métricas (ou sílabas poéticas). Os pés básicos (mais freqüentes) são:

- Troqueu - Pé formado por uma sílaba longa (tônica) e uma breve (átona);
- Iambo ou *Jambo* - Pé formado por uma sílaba breve e uma longa;
- Dátilo - Pé formado por uma sílaba longa e duas breves;
- Anapesto - Pé formado por duas sílabas breves e uma longa.

Nas línguas românicas não existem vestígios de oposição quantitativa, e o ritmo poético baseia-se, sobretudo, nas posições tônicas e átonas, nos retardamentos, nas modulações, nas pausas, nas correspondências fônicas, ou seja, num movimento cuja dinâmica pode variar, ainda que inserida num padrão fixo, como é o caso da poesia em versos isossilábicos.

Segundo os Formalistas Russos, o ritmo não pertence ao domínio da contagem e o próprio verso resulta da impulsão rítmica que lhe é anterior: o ritmo do discurso poético. Este assenta nas leis do ritmo da fala e executa-se em performance criadora de uma sintaxe e de uma semântica próprias, visto que a um ritmo novo correspondem novos sentidos.

Ezra Pound crê no “ritmo absoluto” - o mais adequado à emoção que só através dele se pode expressar - e defende que o ritmo - marcado também por toda uma estrutura prosódica - deve fluir de verso para verso, a não ser que se pretenda uma pausa significativa.

O poeta vitoriano Gerard Manley Hopkins (1844-1889) é o grande precursor deste desígnio de restituir à poesia a força de uma expressividade, por vezes perdida, e de a libertar da submissão à métrica clássica que não contempla todas as propriedades rítmicas do discurso poético em língua inglesa.

O termo “ritmo abrupto”, por ele cunhado, designa a sistematização de um ritmo cujas principais características são análogas às do ritmo da fala, nomeadamente, confronto entre pés monossilábicos, ritmo descendente nos pés polissilábicos, acentos de silêncio e pés que não terminam no final de um verso, completando-se no início do verso seguinte.



Agora, gostaríamos de receber sugestões sobre as formas e os intervalos, com que vamos direcionar e conviver com os diversos temas que iremos abordar.

Sei que todos vocês estão ansiosos para conseguir aprender a tirar sonorização do instrumento que querem aprender a executar. No entanto, para que na realidade sejam músicos de verdade e com conteúdo, teremos que aprender muito além disso. Sejam pacientes, dedicados, pois assim, tornar-se-ão pessoas diferenciadas e no futuro qualquer que seja a profissão que escolherem, este aprendizado em algum momento de Vossas Vidas, vos poderá vir a ser muito útil.

Imaginem, aprender a mexer no computador e navegar na internet, sem primeiro aprender a ler... Impossível não é?

Contatos:
Filipe de Sousa
E-mail: jokafi2000@hotmail.com
Fone: 0 xx 12 - 9114.3431